

A IMPORTÂNCIA DE UMA FORMAÇÃO DOCENTE CRÍTICA, REFLEXIVA E AMOROSA EM TEMPOS DO CRESCIMENTO DO PENSAMENTO CONSERVADOR E EXTREMISTA NO BRASIL.

Eduardo Duarte Ferreira

Juscelino dos Santos Barbosa

Raquel Martins

Atenção ao dobrar uma esquina. Uma alegria, atenção menina! Você vem, quantos anos você tem? Atenção precisa ter olhos firmes, pra este sol para esta escuridão. [...] É preciso estar atento e forte, não temos tempo de temer a morte, é preciso estar atento e forte, não temos tempo de temer a morte (Composição de Caetano Veloso e Gilberto Gil, interpretação de Gal Costa, 1968.)

INTRODUÇÃO

O processo de formação do(a) professor(a) brasileiro(a) sempre esteve atrelado ao modelo de sociedade vigente e aos interesses do grupo/seguimento dominante do período histórico vivido. A educação, em países coloniais como o Brasil, serviu por muito tempo para manter e reproduzir uma sociedade de dominantes e dominados. O ensino e consequentemente a produção e aquisição de conhecimento por muitos anos foi privilégio de uma elite católica, branca e conservadora. Conforme Tardif e Lessard:

Enquanto grupo social e pelas funções que são chamados a exercer, o(a)s professores(a)s ocupam uma posição estratégica no interior das relações complexas que unem as sociedades contemporâneas aos saberes que elas produzem e mobilizam com diversos fins (TARDIF; LESSARD, 1991).

Para compreendermos a conjuntura atual e os desafios lançados nesta travessia contemporânea de constituição da identidade docente dos que irão colaborar com a educação brasileira nos próximos anos deste novo século, faz-se necessário fazer um breve levantamento histórico e cronológico, bem como uma reflexão sobre os períodos e principais concepções de ensino e educação que permearam o processo de formação docente do educador e educadora brasileira. Neste contexto, como ressalta Limoeiro:

A produção de conhecimento responde sempre a necessidades. O conhecimento que vai sendo produzido na filosofia, na ciência, na arte (na economia, na educação) não é alheio à vida dos homens, não é neutro frente aos problemas concretos que os homens vivem, num tempo e lugar determinados, numa sociedade específica. [...] Este conhecimento (enquanto responde a necessidades concretas) sempre presta um serviço. Cabe perguntar: serve a quê? Serve a quem? (LIMOEIRO; 1991, pág.33).

Uma cronologia temporal que se inicia com a concepção jesuítica e que teve seu apogeu entre os séculos XVI e XVIII. Prosseguindo com a concepção humanista ou escolonovista, como queiram chamar. Que foi bastante difundida no início do século XX, perpassando pela concepção tecnicista experimentada e vivenciada em meados do século XX. Por fim, chegaremos as concepções contemporâneas, destacaremos a pedagogia crítico-social de Libânio e a pedagogia critico-libertadora de Paulo Freire, ambos pesquisadores brasileiros com destaque mundial.

O(A) professor(a) vocacional ou professor(a) jesuítica

O termo vocacional é estritamente ligado ao modelo e ideal de professor(a) da concepção pedagógica jesuítica/tradicional. Sua identidade, enquanto profissional nesse período, era “moldada” com base nos dogmas cristãos, em especial, nos preceitos que orientavam o catolicismo.

A catequização dos povos indígenas pelos padres jesuítas é considerada por muitos estudiosos como nossa primeira experiência de educação formal em terras tupiniquins. Sendo seu objetivo político e pedagógico introduzir entre os nativos brasileiros valores da cultura europeia em todas as suas dimensões: religiosa, social, cultural e filosófica.

A principal “missão” do(a) professor(a), função a priori assumida pelos padres, era converter os povos originários e posteriormente os povos africanos trazidos para cá na condição de escravizados ao catolicismo, o que a caracterizou como educação religiosa. [Sobre o ensino nesta época Olinda diz:](#)

Não é difícil compreender o afã em preparar moralmente o futuro mestre das escolas públicas do povo, se lembrarmos que a educação primária era tida como instrumento de regeneração moral das massas, sempre representada como grupo com tendências ao vício e a depravação. A formação moral era completada com uma boa dose de civismo, cujos ingredientes principais eram obediência, trabalho, perseverança e respeito aos símbolos e autoridades nacionais. (OLINDA, 2005: pág.71.)

Um ensino forjado na e ou sobre posição ou quase total negação dos saberes e na maneira de ser e existir dos grupos aqui já citados. O “conhecimento”, dito formal, era adquirido a partir da imposição de um grupo dominante sobre os grupos dominados.

Esse entendimento e conceito de educação/professor(a)/escola infelizmente ainda é bastante latente no fazer pedagógico de alguns(as) profissionais da educação. O “professor(a)” é o centro! O processo de criação/elaboração do pensamento é vertical, muitas vezes fundamentado pela ideologia cristã.

O(A) professor(a) humanista

O início do século XX proporcionou uma mudança significativa na concepção de formação do(a) professor(a) brasileiro(a). Influenciada pela solidificação e expansão científica das ciências humanas, em especial a psicologia, sociologia e filosofia que se detém ao estudo do desenvolvimento humano em toda sua totalidade contribuiu para que a identidade e o perfil do(a) docente neste novo século ganhasse dimensões mais humanitárias.

O(A) professor(a) deixa de ser o centro no processo de ensino e aprendizagem para se tornar o(a) mediador(a) entre o conhecimento e o estudante. Porém, o fazer pedagógico mesmo ganhando esse caráter mais humano, continuou distanciado do contexto social, os fatores biológicos sobressaíam aos fatores sociais na compreensão dos processos de produção e aquisição do conhecimento.

Vale salientar, que nesse período, a educação ainda era privilégio de uma elite conservadora e cristã, com fortes resquícios da cultura rural colonial. A tão sonhada universalização da educação, tão real nos países desenvolvidos cientificamente e economicamente ainda era algo distante, utópico no processo educacional brasileiro.

O(A) professor(a) tecnicista

Assim como o Brasil real que, em meados do século XX buscava se desvincular da imagem de um país rural, paternalista, “atrasado tecnologicamente. O(a) professor(a) tecnicista também buscava incorporar esse perfil técnico-desenvolvimentista. Um(a) profissional conectado as transformações tecnológicas e ao processo de industrialização e urbanização do país. “O remédio para tirar o sistema educacional da sua inoperância e ineficácia era “tecnificar a educação”, isto é, conceber o sistema educacional como uma empresa e aplicar-lhe as técnicas e as máquinas que haviam produzido ótimos resultados no desempenho industrial” (FRIGOTO; 1989, pág.121).

Nesse período, o ensino brasileiro ganhou um caráter mais técnico, unitário, sem conexão com os problemas e as questões sociais fomentada pelas desigualdades e a

concentração de renda em algumas famílias ascendentes do Brasil escravista e agrícola. As disciplinas ligadas às ciências humanas foram renegadas a segundo plano. O currículo de ensino era voltado especialmente para as ciências exatas e as recém surgidas, ciências tecnológicas. Segundo Gramsci

O advento da escola unitária significa o início de novas relações entre trabalho intelectual e industrial não apenas na escola mas em toda a vida social. O princípio unitário, por isso, refletir-se-á em todos os organismos da cultura transformando-os e empreendendo-lhes um novo conteúdo. (GRAMSCI, 1979: pág.125.)

O objetivo era ministrar um aprendizado/conhecimento que preparasse a classe trabalhadora para se tornar mão-de-obra barata para operar máquinas nas grandes indústrias que começavam a se instalar no Brasil, ou formar trabalhadores(as) para atuar no novo modelo de comércio, um comércio modernizado nos grandes centros urbanos que se espalhavam pelo país alimentando a ideia capitalista de “progresso”, “desenvolvimento”, “modernização”. Como nós diz Arroyo

O mais grave na relação entre escola e a formação da classe trabalhadora no Brasil é que se fez de tudo para que o trabalhador não fosse educado, não dominasse a língua, não conhecesse sua história, não tivesse a seu alcance instrumentos para elaborar e explicitar o seu saber, sua ciência e sua consciência. (ARROYO, 1980: pág.23.)

Vale destacar, que o modelo fordista de produção, o modelo de economia moderna e o pensamento de Adam Smith, inspirou nesse período as metodologias de ensino; a infraestrutura das escolas; a organização política e administrativa dos estabelecimentos de ensino. Houve um boom das escolas técnicas e profissionalizantes em todo Brasil. (Citar Foucault – vigiar e punir)

O modelo capitalista de sistema social, econômico e cultural era exaltado por estudiosos(as) e professores(as) que defendiam tal filosofia de ensino. Uma filosofia em que o(a) educando(a) funcionava como um “depósito” de conhecimento, o que Paulo Freire nomeou como educação bancária, (citar Paulo Freire) os conteúdos eram apresentados de forma vertical, sem questionamentos, diálogos ou trocas coletivas, pois o que predominava e era alimentado no fazer pedagógico, era a competição, o individualismo. A instituição escola passou a funcionar nos modelos de uma indústria de produção, a simbologia da sirene ainda hoje presente em muitos estabelecimentos de ensino, comprovava a semelhança entre escola x fábrica.

O(A) professor(a) crítico-social

A concepção crítico-social ou pedagogia crítico-social, tem como seu idealizador o professor e pesquisador José Carlos Libânio, metodologia de ensino desenvolvida na década de setenta do século XX. Período em que se instalava a redemocratização do Brasil, após terríveis anos de uma ditadura militar.

Nesse contexto histórico, os movimentos sociais e populares ganham força, ocupam espaços e as ruas exigindo a universalização do ensino, investimentos massivos em todas as modalidades da educação pública brasileira e a reformulação do currículo escolar, além da aprovação de leis básicas para a educação do país.

Nessa perspectiva de ensino, o fazer pedagógico é pautado nos acontecimentos sociais vigentes. Os conteúdos são contextualizados e moldados às vivências e interações de sociabilidade que o estudante estabelece no e com o meio em que vive. Com forte influência do pensamento freiriano e marxista. “Os alunos do povo pedem que a escola lhes fale deles mesmos, e do seu tempo, do seu modo e das suas lutas – o que implica uma conexão direta entre o movimento social e o que se passa na escola: deste modo se vai muito longe na exigência de transformação.” (SNYDERS; 1981, pág.392).

Tal corrente propõem que o(a) professor(a) no seu fazer pedagógico possibilite aos estudantes realizar uma leitura crítica dos conteúdos estudados e conectá-los ao seu cotidiano. Refletir como determinado conhecimento pode possibilitar ou não a transformação social das camadas desassistidas de políticas públicas básicas como: direito à educação, saúde, moradia, cultura e etc.

Um(a) profissional da educação sensível e conectado às questões sociais atuais, que se coloca como mediador entre estudante e saber. Um saber construído de forma crítica, questionadora e autônoma. Um ensino que presa pela construção do conhecimento de forma coletiva, onde os saberes adquiridos e elaborados pelos(as) alunos(as) ao longo da vida sejam valorizados.

O(A) professor(a) reflexivo e amoroso

Respaldado pela pedagogia transformadora ou pedagogia freiriana. O(A) professor(a) reflexivo(a) e amoroso(a) tem sua metodologia de ensino focada na capacidade autônoma e transformadora do(a) educando(a) de produzir conhecimento

partindo de sua existência e trajetória de vida, do contexto social do qual faz parte. Um processo de ação-reflexão-ação na internalização e elaboração de novos saberes.

A pedagogia transformadora, ou pedagogia da esperança tem sua conceituação teórica, epistemológica e metodológica construída pelo educador e pesquisador Paulo Freire, que nas suas vivências e estudos compreendeu que o processo de aquisição e elaboração significativa dos conhecimentos da classe trabalhadora e de seus/suas filhos(as) se dá a partir da aproximação dos conteúdos curriculares às questões sociais e culturais vivenciadas no dia-a-dia pelo(a) estudante.

Um conhecimento produzido e apropriado de forma horizontal, onde cada indivíduo tem sua importância e forma de contribuir no processo de ensino e aprendizagem, “**não há saberes maiores, nem menores, há saberes diferentes**” (Paulo Freire). Uma ação pedagógica alicerçada na escuta e na dialogicidade, onde o(a) educador(a) se coloca como agente facilitador(a) e colaborador(a) do processo, mediador(a) e provocador(a) da elaboração significativa de novos conhecimentos.

Um(a) professor(a) amoroso, não na perspectiva romântica da construção cultural da palavra, mas na compreensão amorosa como potencializadora e revolucionária do ato de aprender e ensinar as camadas populares. Um(a) profissional crítico e sensível às desigualdades educacionais, sociais e econômicas reproduzidas no Brasil ao longo do tempo. Um(a) educador(a) capaz de provocar na classe trabalhadora uma reflexão para a ação sobre sua condição ontológica e social de ser e estar no mundo, um(a) potencializador(a) para a tomada de consciência de classe dos filhos e filhas dos(as) trabalhadores(as).

A Formação de Professores(as) Comprometidos(as) com as Questões Sociais Contemporânea é Urgente!

Em tempos que no Brasil e no mundo, a extrema direita tenta fazer um levante com pensamentos, conceitos e atitudes de cunho fascistas. Alimentado por discurso sem fundamentação teórica e científica e pelo esvaziamento do sentido de ser humano e viver em coletividade por grande parte das pessoas nos dias atuais. Nunca se fez tão importante e necessária a formação de educadoras e educadores, sejam pedagogos(as) ou licenciados(as) nas universidades públicas e privadas comprometidos com temas e conteúdos como: socialismo, racismo, direitos LGBTQIAPN+, gênero, entre outros que esse segmento da sociedade tenta disseminar das vivências e do currículo escolar.

Na maioria das vezes, utilizando da capacidade de manipulação em grande escala nas mídias digitais, de uma parcela significativa de protestantes e católicos ligados ao movimento renovação carismática ou através da ocupação de vagas no parlamento. Os(as) neofacistas, assim como em um passado não muito distante, utilizaram e utilizam-se dos dogmas e narrativas que fundamentam e alicerçam o cristianismo para disseminar no senso comum seus interesses e sua visão de mundo/sociedade.

Fostes no passado ou no presente, a educação é um dos seus principais alvos. A tentativa de modificar as leis que foram historicamente fundamentadas por conceitos e aquisição de uma educação pública ou privada laica, diversa e inclusiva; a disseminação de notícias falsas (*Fake News*) em mídias de grande alcance social e a “perseguição a professores(as) com uma vertente ideológica mais progressista e democrática, são umas de suas estratégias para disseminar seus ideais/interesses e o discurso de ódio.

A formação acadêmica na graduação de professoras e professores com consciência de classe, com compreensão da importância histórica da organização social de segmentos que foram e ainda são perseguidos e tem seus direitos básicos negados por conta da sua raça, do seu gênero, da sua orientação sexual ou da sua crença, é urgente!

As universidades, através do curso de pedagogia ou das licenciaturas tem a missão de “formar” profissionais da educação capazes de provocar nos filhos e filhas dos e das trabalhadoras a capacidade de refletir sobre sua condição social e humana dentro do sistema capitalista; de provocá-los a rebeldia, a radicalização para a transformação. “O que parece consensual é a necessidade de se reinventar a educação escolar (CANDAU,2005) para que possa oferecer espaços e tempos de ensino-aprendizagem significativos e desafiante para os contextos sociopolíticos e culturais atuais e as inquietudes de crianças e jovens.” (CANDAU, pág.13). Esta citação foi retirada do artigo Multiculturalismo e Educação: desafios para a prática pedagógica. Do livro: Multiculturalismo: Diferenças Culturais e Práticas Pedagógicas. Org. Antônio Flávio Moreira e Vera Maria Candau.

É preciso preparar pedagogos(as) e licenciados(as), principalmente os que irão atuar na educação pública, que no seu fazer pedagógico desenvolva a pedagogia da escuta, da provocação para a reflexão e para tomada de decisões que possam contribuir para a transformação social e para a construção de uma sociedade menos desigual, mais fraterna, coletiva, mais humana.

Considerações Finais

O que almejamos enquanto professores(as) da rede pública e ou privada de ensino no Brasil; pesquisadores da educação; militantes educacionais, é que nossos(as) futuros(as) colegas de profissão, entejam eles(as) na educação infantil, no ensino fundamental, no ensino médio e ou no ensino superior tenham consciência da sua função social enquanto educador(a).

Que compreendam que o papel educativo passa pela luta de classe, pela necessidade da construção de uma identidade de professor(a) que luta e reivindica melhores condições de trabalhos, salários dignos e redução da jornada de trabalho. Que veja no ato de ensinar a possibilidade de libertação da classe trabalhadora e a diminuição das desigualdades sociais que desde a colonização divide a sociedade em oprimidos e pressores, em quem produz e quem detêm e usufruiu dos meios de produção sejam eles econômicos, materiais ou culturais.

Um(a) professor(a) que olha para o passado, para os fatos históricos de forma crítica, que tenta ligá-los ao presente na perspectiva da construção de um futuro melhor, sem a repetição de acontecimentos que segregaram, dividiram e separaram a humanidade.

Um(a) educador(a) que deslumbre a graduação não com um fim, mais como o início de uma travessia que exige constante reflexão, dedicação, estudo e busca “do novo”. Pois o(a) professor(a) é um(a) profissional inacabado, que está em constante formação, em continua busca pelo conhecimento, pelo saber.

Por fim, mesmo atravessando tempos difíceis, continuamos resistindo...Em países, como o Brasil, em que o imperialismo capitalista ainda domina, e utiliza um falso moralismo para impor seus interesses, escolher ser educador(a) é um ato de rebeldia, de amor, de compromisso com as lutas, com a humanidade, com a construção de uma sociedade menos injusta, diversa e plural.

Referências Bibliográficas

ARROYO, Miguel. **Operários e educadores se identificam: que rumos tomará a educação brasileira?** *Educação & Sociedade*. São Paulo: Cortez, 1980.

CANDAU, Vera Maria. *Multiculturalismo e Educação: desafios para a prática pedagógica*. In: MOREIRA, Antonio Flávio; CANDAU, Vera Maria (orgs).

Multiculturalismo: Diferenças Culturais e Práticas Pedagógicas. 10. Ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

FRIGOTTO, Gaudêncio. **A produtividade da escola improdutiva: um (re)exame das relações entre educação e estrutura econômico-social e capitalista.** 3. Ed. – São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1989. – (Coleção educação contemporânea)

GRAMSCI, Antonio. *Concepção dialética da história.* Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1979.

LIMOEIRO, Mirian Cardoso. **Universidade e estrutura de poder.** Cadernos de Cultura da USU, Rio de Janeiro, 3 (3) :33, 1981.

OLINDA, Ercília Maria Braga de. **Formação integral do educando no tempo da escola normal.** Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora Ltda, 2005. 272p.

SNYDERS, Georges. **Escola, classe e luta de classes.** São Paulo, Moraes, 1982, p. 392.

TARDIF, M. & LESSARD, C. **Os Professores Face ao Saber.** *Teoria da Educação*, Porto Alegre, A. Médicas, n. 4, 1991.